

PROCESSOS REFLEXIVOS, RESPONSIVOS E DIALÓGICOS NA REESCRITA DE TEXTOS

Pricila Gaffuri*

Renilson José Menegassi**

Resumo: À luz dos pressupostos teóricos de Bakhtin e seu círculo, este artigo tem por objetivo mostrar como a prática de revisão e reescrita auxilia na construção textual e como o escritor se torna uma peça fundamental desse processo, uma vez que ele age como um sujeito que responde dialógica e ativamente na reescrita de seu texto. Para tanto, têm-se como *corpus* de análise composições realizadas pelos alunos do 2º ano do curso de Letras-Ingês da Universidade Estadual de Maringá. Os resultados apontam que é durante a revisão e a reescrita que ocorrem os processos reflexivos, dialógicos e responsivos de construção textual.

Palavras-chave: reescrita; dialogismo; responsividade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **P**or muito tempo, acreditou-se que o trabalho de revisão de textos era uma responsabilidade única do professor, excluindo-se, assim, o próprio sujeito autor do processo. Quando o aluno recebia o seu texto para reescrevê-lo, apenas atentava para pontos que o professor havia demarcado, tomando essas anotações como verdades absolutas e incontestáveis. Apesar de essa ser uma prática que ainda pode ser observada nas salas de aula, o

* Graduada em Letras Português-Ingês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e aluna do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

** Doutor em Letras pela Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-Assis). Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

professor tem buscado compreender melhor a atitude de reescrever um texto, visando não somente atentar para a parte gramatical, mas, também, para as ideias que o aluno apresentou em seu texto, ajudando-o a torná-las mais compreensíveis para os seus leitores. Além disso, cada vez mais buscam-se alternativas para a inclusão do sujeito autor nessa ação. O texto do aluno passa, então, a ser uma ferramenta de diálogo entre o professor e o aluno, em que ambos tornam-se sujeitos ativos do processo de construção da escrita, em situação de interação verbal social determinada.

À luz dos pressupostos teóricos de Bakhtin e seu círculo, no que diz respeito à responsividade e ao dialogismo no discurso escrito e a partir das discussões desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa “Interação e Escrita” (UEM/CNPq), objetiva-se com este artigo mostrar como a prática de revisão e reescrita auxilia na construção textual e como o escritor se torna uma peça fundamental desse processo, uma vez que ele age como um sujeito que responde dialógica e ativamente na reescrita de seu texto. Dessa forma, o *corpus* de análise deste trabalho são composições, datadas do ano de 2008, de alunos do 2º ano do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual de Maringá.

REVISÃO E REESCRITA

A escrita é uma construção que se processa na interação entre o eu (enunciador) e o outro (leitor). Assim, a revisão é o momento que demonstra a vitalidade desse processo construtivo, uma vez que revisor (leitor) e escritor dialogam a respeito do texto para obter uma melhor compreensão, resultando, posteriormente, na reescrita do texto.

De acordo com Spolders e Yde (1991, p. 47), “a revisão é considerada como capaz de interromper o processo de escrita em qualquer ponto”, como consequência disso tem-se que ela pode ser encaixada em outros subprocessos de construção da escrita. Seguidores dessa mesma linha de raciocínio, têm-se os estudos de White e Ardnt (1995), Gehrke (1993) e Dellagnelo (2000), ao afirmarem que escritores planejam e revisam seus textos constantemente durante o processo da escrita, em momentos reflexivos e dialógicos pertinentes ao ato.

A revisão, então, pode ser compreendida como uma atividade reflexiva e expressiva, pois, “ao ler o que escreveu, o escritor pensa sobre a escrita e a escritura, engajando-se num importante processo de pensamento e reflexão” (GEHRKE, 1993, p. 116). Contudo, nem sempre é o próprio escritor o revisor do seu texto; assim, o revisor também participa dessa atividade reflexiva, uma vez que, além de procurar identificar os problemas do texto, o revisor lê o texto, antes de tudo, com o objetivo de compreender a mensagem que o escritor quis passar com o seu texto, para tomar uma atitude responsiva diante da tarefa.

Como na grande maioria das vezes é o professor o revisor do texto do aluno, Dellagnelo (2000, p. 74) apresenta que os comentários deste são de grande importância, esperados, válidos e úteis para futuras revisões, já que “a maioria das sugestões feitas por instrutores em versões intermediárias das composições de seus alunos são por eles incorporadas na versão seguinte de seus textos”. Assim, o revisor lê o texto tanto para compreender quanto para avaliar, e, como resultado desse processo, tem-se a representação dos problemas. Dessa forma, a revisão também se caracteriza como uma tarefa de retrabalhar um texto, ou seja, ajustar intenções e convenções, com a finalidade de tornar o texto mais

claro e coeso, para que possa melhor atingir o objetivo pretendido. Para isso, Menegassi (1998) afirma que o professor consciente da importância que os seus comentários têm no processo de produção do texto pode optar por duas estratégias de oferecimento: 1. oferecer sugestões por meio de comentários objetivos, os quais apontam o problema encontrado e o identificam; 2. ou apresentar sugestões por meio de comentários curtos que apenas citam a existência do problema, mas não o identificam. O autor ainda comenta que, para que possa ser bem realizado, “o processo de revisão deve envolver a correção e a avaliação do texto, resultando em sua reescrita, com as reformulações necessárias à sua construção” (MENEGASSI, 1998, p. 22).

Gehrke (1993) define a etapa da reescrita como um processo que está presente na revisão e que, muitas vezes, com ela se confunde. Durante o processo, o revisor avalia o conteúdo e a forma do texto, tentando melhor adequá-lo à situação comunicativa em que está inserido. No que diz respeito à reescrita, ela pode ser compreendida como o momento em que o escritor reconstrói o seu texto, tendo em vista os comentários feitos pelo revisor. Assim, “o texto reescrito será uma resposta às reflexões feitas durante ou após a definição dos problemas” (GEHRKE, 1993, p. 128).

Desse modo, o escritor pode atender ou não aos comentários do revisor. Portanto, reescrever implica análise, já que o texto é novamente lido, observando especialmente os comentários feitos; reflexão, pois o aluno/escritor, ao receber os comentários, poderá:

a) aceitar a sugestão e reformular o pedido; b) aceitar a sugestão e reformular parcialmente o pedido; c) aceitar a sugestão e ir além, apresentando outra reformulação além da sugerida; d) apresentar reformulações além das sugeridas – estas podem ser decorrentes das sugestões ou não; e) não aceitar as sugestões, ignorando-as conscientemente, ou não acatá-las por não conseguir atender o sugerindo [sic] ou por não conseguir reformular o seu texto (MENEGASSI, 1998, p. 70);

Por fim, reescrever implica recriação, uma vez que, após acatar ou não alguma sugestão, o autor fará uma nova versão do seu texto. Pode-se, então, afirmar que a reescrita é o “processo resultante da interação entre as estratégias do leitor para abordar o texto e as habilidades do escritor de conformar a sua expressão aos julgamentos do seu outro – leitor” (GEHRKE, 1993, p. 127).

Quando se reescreve um texto, desmistifica-se a ideia de que este é um produto acabado, fruto de uma inspiração. A reescrita mostra, portanto, que escrever é sinônimo de trabalho intelectual, ou, utilizando as palavras de Fiad e Mayrink-Sabinson (1991, p. 63), a reescrita é o “resultado de um trabalho consciente, deliberado, planejado e repensado”.

RESPONSIVIDADE E DIALOGISMO

Durante os processos de revisão e de reescrita de textos, é possível perceber alguns aspectos responsivos e dialógicos abordados por Bakhtin. Ao realizar uma releitura das obras do autor, Menegassi (2008, p. 135) observa que o dialogismo “é a capacidade que participantes de uma situação comunicativa têm de responder aos discursos manifestados”. Assim, de acordo com Bakhtin e Volochinov (1992, p. 123):

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Quando se compreende a palavra diálogo no sentido mais amplo, tem-se que a escrita é, portanto, uma forma de diálogo, uma vez que ela “responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 123). Daí, então, a importância do outro para a construção do discurso escrito, uma vez que esse interlocutor trava com o autor/enunciador do texto alguns aspectos dialógicos, pois todo dizer é orientado para uma resposta e é internamente dialogizado. Bakhtin e Volochinov (1992, p. 98) ainda afirmam que:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.

Dessa forma, inerente ao dialogismo está a responsividade, a qual, por meio de sua formação, “origina e permite a continuidade do diálogo” (MENEGASSI, 2008, p. 137). Primeiramente, o escritor é o dono incontestável do seu texto; contudo, ao dar a permissão para o revisor/interlocutor dialogar com o seu texto, ele, o revisor, passa a ser um coescritor que, posteriormente, devolverá a palavra ao escritor. Essa alternância de “vozes” dá origem ao que Bakhtin (2003) denomina de “elo da cadeia”.

Bakhtin (2003) mostra que são três as atitudes responsivas: a ativa ou imediata, a passiva ou silenciosa e a de efeito retardado ou muda. Menegassi (2008, p. 137) afirma que a atitude responsiva é ativa “quando a resposta do parceiro da comunicação é imediata e temporalmente situada”. Quando a responsividade não é imediata, mas “há uma necessidade de compreensão mais abstrata, de reelaboração mental”, ela pode ser definida como uma atitude responsiva passiva (MENEGASSI, 2008, p. 137). Já a atitude responsiva de efeito retardado é aquela em que “a resposta não é imediata, é temporalmente deslocada da situação real, contudo, ela é perceptível nos discursos subseqüentes” (MENEGASSI, 2008, p. 137).

Em situação de ensino, a compreensão do aluno precisa ser ativa (imediata); contudo, a atitude responsiva de efeito retardado é muito mais presente, em razão da necessidade que o aluno tem da sedimentação temporal, para que as palavras alheias se tornem as suas palavras. Assim, o revisor do texto espera que o escritor tenha uma atitude responsiva ativa ante os comentários efetuados; entretanto, isso pode não acontecer por diversos fatores, desde o não entendimento do comentário até a sua não aceitação.

REFORMULAÇÕES APRESENTADAS NOS TEXTOS ALÉM DAS SUGERIDAS

O presente artigo é um recorte do projeto maior intitulado “Responsividade e dialogismo no processo de reescrita de textos em língua inglesa”, que tinha como objetivo investigar os procedimentos empregados com a escrita e a reescrita de textos em língua inglesa, em uma sala de aula do curso de Letras-Inglês, a

fim de verificar como o professor formador concebe a etapa de reescrita, e quais são as atitudes responsivas dos alunos ante esse processo. Para tanto, como *corpus* da pesquisa, analisaram-se todas as composições realizadas pelos oito alunos do 2º ano do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual de Maringá, da disciplina “Oficina de Leitura e Produção Escrita em Língua Inglesa”, durante o ano de 2008, a fim de verificar o modo como a professora¹ realizava os comentários nos textos dos alunos e como estes respondiam às sugestões. Durante o ano, foram realizadas nove composições. Obteve-se, assim, como *corpus* para a análise, um total de 43 composições com primeiras e segundas versões, totalizando 86 textos e mais 29 somente com a primeira versão.

Por ser objetivo do trabalho mostrar como a prática de revisão e reescrita auxilia na construção textual e como o escritor se torna uma peça fundamental desse processo, uma vez que ele age como um sujeito que responde dialógica e ativamente na reescrita de seu texto, analisaram-se somente as composições em que os alunos apresentavam outras reformulações além daquelas apresentadas pelo professor revisor. Assim, algumas composições de alunos não estão presentes na análise.

Após a revisão efetuada pelo professor, na hora em que o aluno realiza a reescrita, ele pode apresentar reformulações na segunda versão do texto que não foram sugeridas pelo professor, mas que podem ou não ser decorrentes das sugestões feitas pelo docente. Essa atitude de o aluno escritor ir além das reformulações sugeridas pelo professor demonstra certo desenvolvimento na escrita, além disso, o aluno se posiciona como sujeito escritor que dialoga responsivamente com os comentários, com o professor e com o seu próprio texto.

Seguem-se alguns exemplos de reformulações feitas pelos alunos além das sugeridas pelo professor:

a) *Send me the package price for a week, please.*

I would like you send me the package price for a week.

(Aluno I, composição 07)

b) *Can you make a good discount if I pay on cash? ~~Talk~~^{Please let me know} about other payment ways and services.*

I want to pay on cash. Could you make a good discount? Please, let me know about other services which are offered to the tourists.

(Aluno I, composição 07)

c) *I look forward to your answer.*

I look forward to receiving your answer.

(Aluno I, composição 07)

d) *According to a research about them, nowadays women do the same jobs as a men.*

According to a research about them, things have been changed, nowadays women do the same jobs as men.

(Aluno F, composição 02)

e) ... *especially at shopping like a saleswomen.*

... especially when a woman works at the mall as saleswomen...

(Aluno I, composição 02)

f) *Usually her spend more money buying clothes...*

I believe all women in the world like to go shopping, and we spend a lot of our time buying clothes...

(Aluno I, composição 02)

O ponto em comum nesses exemplos é que todos apresentam a operação linguística denominada de acréscimo em suas reescritas, isto é, os alunos acrescentaram uma ou mais palavras em seus textos. Além disso, é possível perceber que, em todos os excertos, a preocupação dos alunos recaiu sobre a reestruturação frasal.

Nos exemplos “a”, “b” e “c”, observa-se uma significativa melhora na segunda versão do texto do aluno I. O ponto em comum nas reformulações foi a adequação da linguagem. Pensando que o gênero era uma carta que o aluno deveria escrever a um hotel, solicitando maiores informações a respeito dos serviços desse estabelecimento, o aluno sentiu a necessidade de utilizar uma linguagem formal e mais polida, o que pode ser percebido pelo uso dos auxiliares *would* e *could*. É importante ressaltar que essas foram reestruturações feitas pelos próprios alunos, sem o auxílio da professora, o que demonstra certa maturidade por parte do aprendiz.

Comprova-se, assim, que é, na revisão e na reescrita, que ocorrem os processos dialógicos e responsivos, pois, primeiramente, o aluno é o dono incontestável do seu dizer, mas, ao dar a permissão para a revisão, o revisor passa a dialogar com o texto, tornando-se, de certa forma, coautor nesse processo. O revisor, por sua vez, ao devolver a palavra para o aluno, dá a permissão para a responsividade, uma vez que este pode acatar ou não as sugestões feitas. Por fim, ao reescrever o seu texto, dialogando com as sugestões da professora e com o próprio texto, o aluno faz novas reformulações, as quais são advindas de suas próprias necessidades, caracterizando, então, o dialogismo tratado pelo círculo de Bakhtin.

Já nos exemplos “d”, “e” e “f”, verifica-se que a preocupação dos alunos recaiu em dar maiores explicações ou em complementar os fatos já apresentados, o que demonstra que os alunos têm consciência de que os processos de revisão e de reescrita auxiliam na construção do texto. De acordo com Menegassi (1998, p. 148), o que falta aos alunos “são encaminhamentos para exercitar essas etapas com mais precisão, possibilitando certo automatismo criativo no momento de produção do texto”, isto é, se os alunos forem conduzidos frequentemente a fazer a revisão e conseqüentemente a realizar a reescrita do texto, começarão a perceber a importância desse processo, aprendendo a realizar a revisão em seus próprios textos ou nos textos de seus colegas com maior eficiência, percebendo, também, que revisar não significa higienizar, limpar a superfície do texto; pelo contrário, revisar significa adequar o texto para atingir certos objetivos (linguagem, ideias, vocabulário, estrutura e forma).

Apresentam-se mais alguns exemplos de operações linguísticas evidenciadas nos textos dos alunos além daquelas sugeridas pela professora:

- g) Acrescentou o parágrafo: *The reform in spelling is very important for the language because the Portuguese was more well-known in the world.*
(Aluno A, composição 05)
- h) *They didn't work, stayed at home doing ~~serviço de casa~~ ^{housework} and taking care of the kids.*
They didn't work, only stayed at home doing housework and taking care of the children.
(Aluno F, composição 02)
- i) *Antigamente* ^{In the past} *there were many jobs that only men could work...*
In the past there were many jobs that only men could do it...
(Aluno F, composição 02)
- j) *In^{On} Saturdays, many young usually go out dancing or ~~to~~ go ^{to a} pub at night for playing loud music and drinking with your^{their} friends and flirt.*
On Saturdays many young usually go out dancing or go pub at night for talking their friends and to flirt.
(Aluno A, composição 01)
- k) Um parágrafo só
Dividiu o texto em parágrafos
(Aluno A, composição 01)
- l) *Hollydays or weekends in Brazil are very common ~~the~~^{that} people doing barbecue and invited friends and relatives ~~for~~^{to} eat. Who has aⁿ apartment or a house in the beach or near ~~of~~ the river, go there when they have a free time and the traffic generally is terrible in this time.* How is this information related to the previous one?
Hollydays or weekends in Brazil are very common that people do barbecue and invite some friends and relatives to eat. They enjoy to stay together, talking, playing deck of cards, listening music and everything.
(Aluno D, composição 01)

Na maioria dos exemplos, as reformulações feitas nas segundas versões dos textos não foram solicitadas pelo revisor, mas pode-se afirmar que elas são decorrentes dos comentários do revisor. Afirma-se isso pelo fato de que, ao dialogar com as sugestões oferecidas pelo professor revisor e com o próprio texto, o aluno sentiu a necessidade de fazer novas reformulações. Isso demonstra o caráter ativo e responsivo do aluno durante a reescrita.

Nos exemplos “g” e “h”, observa-se, novamente, o uso da operação linguística denominada acréscimo. A provável explicação de essa operação ser uma das mais usadas pelos aprendizes é que é muito mais fácil para eles acrescentarem informações em seus textos quando estão reescrevendo-os, pois, após ter ocorrido a sedimentação temporal, voltam para seus textos com o olhar mais atento e percebem que, em alguns momentos, é preciso acrescentar informações para tornar o texto mais claro e menos lacunar.

No exemplo “g”, tem-se o acréscimo de um parágrafo ao final do texto, o que contribuiu para sintetizar todo o assunto abordado, servindo, também, como uma conclusão. É importante ressaltar que um dos comentários da professora, que se repete ao longo dos textos de todos os alunos, é que eles elaborem um parágrafo conclusivo para suas composições. Assim, embora a professora não tenha solicitado durante a revisão que o aluno elaborasse uma conclusão, ao reescrever o seu texto, o próprio aluno percebeu a sua ausência, acrescentando o parágrafo conclusivo, corroborando, dessa forma, os estudos de Dellagnelo (2000, p. 74), ao afirmar que “a maioria das sugestões feitas por instrutores em versões intermediárias das composições de seus alunos são por eles incorporadas na versão seguinte de seus textos”.

Já no exemplo “h”, tem-se o acréscimo do advérbio *only* e a substituição de palavra (*taking care of the kids* para *taking care of the children*), o que não traz grandes mudanças para o sentido do texto; contudo, evidencia-se que os alunos atentam para os detalhes de seus textos, mostrando, assim, sua preocupação com as unidades menores da construção textual.

Nos exemplos “i”, “j”, “k” e “l”, observa-se a operação linguística denominada de substituição, já que, nos dois primeiros, ocorre a substituição verbal, o que representa uma preocupação por parte do autor em apresentar palavras novas, dando novo sentido ao texto. Menegassi (1998, p. 163) afirma que “a substituição de palavras pode ser interpretada também como um momento de trabalho crítico, apesar de ser vista, inicialmente, como um mero trabalho de permuta”. Afirma-se ser um trabalho crítico porque o autor, pensando em seu leitor, busca dar um significado mais declarado ao seu texto.

No exemplo “k”, verifica-se a preocupação com a forma do texto. O texto do aluno estava redigido em um único parágrafo. Ao efetuar a revisão, a professora solicitou que o aluno dividisse seu texto em dois parágrafos, contudo, ao reescrever seu texto, o aprendiz achou melhor dividi-lo em quatro parágrafos. Novamente, observam-se o dialogismo e a responsividade durante o processo de revisão e de reescrita. Houve o diálogo, tanto por parte do aluno como por parte do professor, e houve também a responsividade. Pode-se afirmar que a atitude responsiva do aluno foi ativa ao verificar que era necessário dividir o seu texto em parágrafos, mas ele próprio observou que seu texto ficaria mais bem escrito se dividido em mais parágrafos. Percebe-se, dessa forma, o diálogo do aluno entre o comentário do professor e o seu próprio texto.

No exemplo “l”, tem-se a substituição de sentença, o que ocorreu por meio do comentário do professor revisor. Ao substituir a sentença, o aluno acaba dando novo sentido ao seu texto, corroborando, assim, que a reescrita é um trabalho reflexivo que se processa na interação entre o eu e o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos exemplos e das análises, nota-se que a operação linguística mais efetuada pelos alunos, além das sugestões feitas pelo professor, foi o acréscimo, e o objetivo maior das reformulações foi a reestruturação frasal a fim de adequar melhor a linguagem. Além disso, verificou-se que os alunos já efetuam suas próprias revisões tanto no plano do conteúdo quanto no plano da forma. E o mais importante, percebeu-se a vitalidade da revisão e da reescrita por meio dos processos reflexivos, dialógicos e responsivos.

Corroborando a pesquisa de Menegassi (1998), o presente estudo também conclui que quanto mais os alunos forem expostos às atividades de revisão e reescrita, mais eles se tornarão sujeitos que dialogam ativamente e responsabilmente pelos seus textos; conseqüentemente, aprendem a utilizar esse instrumento com maior eficácia para uma melhor construção textual.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- DELLAGNELO, A. de C. K. O papel da resposta do professor no processo de revisão de textos escritos em inglês como língua estrangeira. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 73-92.
- FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (Org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 54-63.
- GEHRKE, N. A. Na leitura, a gênese da reconstrução de um texto. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 115-154, dez. 1993.
- MENEGASSI, R. J. *Da revisão à reescrita: operações e níveis lingüísticos na construção do texto*. 1998. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 1998.
- _____. Responsividade e dialogismo no discurso escrito. In: NAVARRO, P. (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 135-148.
- SPOLDERS, M.; YDE, P. O comportamento de escritores principiantes na revisão de seus textos – algumas implicações educacionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 45-57, dez. 1991.
- WHITE, R.; ARNDT, V. *Process writing*. 4. ed. London: Longman, 1995.
- GAFFURI, P.; MENEGASSI, R. J. Reflective, responsive and dialogic processes in rewriting texts. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 108-116, 2010.

Abstract: According to the theoretical assumptions of Bakhtin and his Circle, this article aims to show how the revision and rewriting practice help in textual construction and how the writer becomes a fundamental part of this process, once that he acts like a subject who answers dialogic and actively in rewriting his texts. To do so, the analysis corpus is made of compositions done by students of the 2nd year of English Language Course, of Universidade Estadual de Maringá. The results indicate that it is during the revision and rewriting that occur the reflective, dialogic and responsive processes of textual construction.

Keywords: *rewriting; dialogism; responsiveness.*